

CRIANÇAS EM PESQUISA, REPRESENTAÇÕES DE FEMININO E MASCULINO

Lutiane Novakowski

Resumo

O trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa cujo objetivo foi compreender quais representações de feminilidade e masculinidade as crianças constroem desde bem pequenas. O estudo inscreve-se na perspectiva teórico-metodológica da pesquisa com crianças, que as entende como sujeitos e co-autoras. O referencial teórico incluiu os estudos da sociologia da infância, mais precisamente, os conceitos de cultura de pares e representação interpretativa, e os estudos sobre gênero. Dialogou-se com um grupo de crianças na faixa etária entre 4 e 5 anos, em suas culturas de pares, que frequentavam uma escola de Educação Infantil pública. Os resultados da pesquisa contribuíram para o entendimento de que, embora as crianças muitas vezes expressem compreensões – neste caso, sobre gênero – atreladas a uma visão adultocêntrica, os significados que acabam compartilhando e reproduzindo colaboram para a constituição de suas próprias identidades. E quando, no contexto de suas culturas de pares, alguns destes significados são tensionados, negociados, apreendidos e confrontados entre elas, acabam por produzir suas próprias culturas.

Palavras-chaves: *pesquisa com crianças; infância e gênero; cultura de pares.*

Crianças, sujeitos de pesquisa

Por muito tempo, as pesquisas e estudos acadêmicos realizados nas diferentes áreas do conhecimento relacionadas de alguma forma às crianças, debruçavam-se sobre objetivos que tratavam de interesses sobre e/ou para as crianças. Já nas últimas décadas, alguns estudiosos começaram a trilhar novos caminhos no que se refere a pesquisas com crianças, de forma que as crianças passassem de meros objetos de pesquisa a co-autoras das mesmas.

Conforme estudos recentes, em especial os da área da Sociologia da Infância, a infância se tornou um foco importante das pesquisas. Alguns estudiosos (Willian A. Corsaro, Bianca S. Guizzo, Fernanda Müller, entre outros) tem se dedicado a realizar suas pesquisas com as crianças e nos apontam que as crianças contribuem de maneira

ativa para a produção e mudança cultural, ou seja, a cultura não é somente internalizada pelas crianças, mas também é modificada pela inserção da criança em um determinado contexto e pelas interações que instaura. Segundo Corsaro (2009, p. 31-32), as crianças “apreendem criativamente informações do mundo adulto para produzir suas culturas próprias e singulares” (CORSARO, 2009, p. 31-32). Assim, as crianças vem ganhando destaque em diferentes pesquisas, mesmo sendo em proporções ainda bastante pequenas.

Em uma breve busca bibliográfica na área da Educação, podemos atentar quão restritas são as produções existentes em que pesquisadores propõem-se a dialogar e ouvir interesses, desejos e opiniões das crianças. Outros pesquisadores chamam a atenção para aspectos relevantes no que se refere a pesquisas com crianças. Como exemplo, ressaltam a postura que o pesquisador/ouvinte deve adotar, a qual deve estar destituída de poder e da presunção de certas verdades que enquanto adultos carregam, para que assim, os sujeitos da pesquisa sintam-se confortáveis para se expressarem. Outro aspecto extremamente importante é apontado por Gobbi (2002), que alerta para o cuidado de “não engessar a produção infantil, enquadrando-a em determinados padrões”, pois o que as crianças afirmam num momento específico, logo poderá sofrer alterações.

Como professora, atuante há alguns anos na Educação Infantil, percebo que as crianças tem muito a nos dizer e a manifestar acerca de suas visões sobre o mundo em que vivem e do qual todos nós – adultos/pesquisadores e crianças – fazemos parte. É a partir deste posicionamento de colocar-se como mediadora entre as crianças pequenas, observando-as, ouvindo-as, dialogando com elas, que o presente estudo tomou forma. Pinto e Sarmiento (apud MÜLLER, 2006, p. 01) salientam:

O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. Assim, interpretar as representações sociais das crianças pode ser não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são desocultadas no discurso das crianças.

Assim, o presente estudo teve como *corpus* de análise a participação das crianças - inseridas no contexto da cultura de pares - objetivando investigar quais representações de feminino e masculino elas vêm construindo e utilizando.

No que se refere a pesquisas relacionadas aos estudos de gênero, há de se considerar um número bastante significativo. Alguns destes estudos nos mostram que,

ao longo da história, adultos e crianças reforçam algumas ideias binárias em relação aos modos de ser homem/menino, mulher/menina. Porém poucos são aqueles que tensionaram tais questões com as próprias crianças.

O caminho escolhido para realizar esta pesquisa – dialogar com as crianças sobre gênero – foi pensado a partir das experiências que tive através da interação com as crianças no cotidiano escolar. Nas diferentes situações do dia a dia na escola, me deparei muitas vezes com as próprias crianças delimitando espaços e brincadeiras de acordo com o gênero de cada um, construindo entre elas barreiras que separavam meninas e meninos, gerando desconforto para ambos os gêneros quando um de seus pares transgrediam as regras por elas próprias estabelecidas. Além disto, muitas educadoras acabam reforçando atitudes culturalmente construídas que distinguem as crianças de acordo com o sexo que nasceram.

Com isso, atentar para o que as crianças pensam, dialogam com seus pares e representam sobre ser menino e ser menina é de extrema importância, sendo uma dentre tantas outras possibilidades de dialogar/pesquisar com as crianças.

Escola. Família. Gênero. Mídia. Criança. O que há nesta relação?

Imersa no contexto da Educação Infantil como professora há aproximadamente nove anos, pude observar o quanto os infantis manifestam suas representações de gênero nos diferentes momentos de interação no ambiente escolar. Desde o brincar livre na sala até as brincadeiras de pátio, pode-se observar uma nítida demarcação entre meninas e meninos. Além disso, há certa “proibição” – estabelecida por parte das próprias crianças e também da escola, por meio da separação dos brinquedos – de acesso a determinados brinquedos expostos na sala ou no pátio, havendo uma limitação estabelecida também por elas mesmas, de brinquedos e espaços próprios para cada um dos sexos.

Estas diferenças manifestadas pelas crianças na escola é o resultado do que a cultura em que a criança está inserida acaba por transmitir-lhe desde a mais tenra idade. Inúmeras agências reguladoras de condutas – escolas, igrejas, cinemas, a própria família – ditam às crianças maneiras de ser e estar de acordo com certos parâmetros criados em sociedade. Para Felipe (2000, p. 169), “há um enorme investimento da sociedade em geral para que os sujeitos sejam ou se comportem dessa ou daquela forma, que gostem

de determinadas coisas em função do seu sexo”. Segundo Finco (2013, p. 6), “as relações de gênero e poder nos processos de socialização de crianças são repletas de estratégias voltadas à normalização e ao controle das expressões corporais”. De acordo com a autora, há um estranhamento, por parte dos adultos, quando as meninas passam a maior parte do tempo junto aos meninos e gostam de jogar futebol e quando os meninos, por sua vez, apreciam fantasiar-se ou preferem brincar com meninas, passando a ser questionados e observados como se tivessem alguma anormalidade (FINCO, 2013, p. 6). A família acaba por inserir a criança nos conceitos compartilhados sobre gênero, como que preparando-a para dar as respostas que a sociedade espera sobre seu comportamento, investindo em certos posicionamentos “para tornar o gênero inteligível e normalizado a fim de garantir que sua filha ou seu filho obtenha o gênero *correto*” (BRITZMAN, 1996, p. 77, grifos da autora). Desde os primeiros dias de gestação, os pais dos bebês tratam de diferenciar o ambiente da casa, escolhem roupas e brinquedos em relação ao que é para menino e o que é para menina (DECLERCQ e MOREAU, 2013, p. 21). As brincadeiras entre pais e filhos também são diferenciadas de acordo com o sexo da crianças, “quando brincam com os bebês, os pais [...] são mais propensos a incentivar os meninos a fazer movimentos motores amplos, tais como saltar e abanar os braços, ao passo que as meninas são incentivadas a ser elegantes e delicadas” (RUBLE e MARTIN; SIMITH e LLOYD; apud PAECHTER, 2013, p. 13). Além disto, eles – os meninos – “têm mais chance de ser submetidos a brincadeiras brutas do que as meninas, que, em vez disso, são expostas a mais conversas sobre emoções do que os meninos” (PAECHTER, 2013, p. 13). Ideias naturalistas ainda são difundidas até hoje na sociedade, nas quais, as mulheres/meninas são vistas como mais sensíveis e os homens/meninos são vistos como mais agressivos (FELIPE, 2000, p. 169).

Para Brougère, as crianças manifestam as suas experiências vivenciadas, em grande parte, no âmbito familiar e escolar, conforme argumenta o autor (apud KISHIMOTO; ONO, 2008, p. 210):

[...] os estereótipos provêm dos pais e das pessoas que cercam a criança. Os pais constroem o primeiro ambiente de brinquedos da criança, antes que ela comece a fazer suas escolhas. No nascimento, o quarto das meninas é rosa, com bonecas, e o dos meninos é azul, com carros em miniatura. As meninas costumam brincar de “casinha” e representam o papel da mãe; os meninos, de “motorista”, que dirige o carro. É o contexto em que a criança vive, especialmente o meio familiar, que dirige inicialmente tais escolhas.

Mas não só a família como também a escola acaba por reproduzir ideias socialmente construídas sobre as questões de gênero. No que se refere à escola, alguns estudiosos chamam a atenção para o quanto o ambiente escolar tem sido colaborador para a construção das identidades dos aprendizes. Segundo Britzman (1996)

a escolarização produz não apenas formas de conhecimento e relações particulares de desigualdade, ao longo de divisores de raça e gênero, mas, mais imediatamente, produz e organiza, de forma coincidente, as identidades raciais, culturais e generificadas dos/as estudantes. (p. 72).

Esta autora argumenta que na escola “são oferecidas e policiadas” representações de identidades. A escola acaba por operar normas e regras de comportamento entendidas socialmente como apropriadas para cada um dos gêneros. Guizzo (2005, p.66) também fala sobre uma “regulação da cultura sobre os meninos”. Em sua pesquisa, a autora observou que tanto meninas quanto meninos sofrem regulações e controles empreendidos na escola, embora tenha constatado que nas situações que envolviam os meninos, os atos regulatórios eram muito mais constantes (GUIZZO, 2005, p. 67).

Assim como a escola e a família, a mídia em geral – jornais, revistas, publicidades, propagandas de rádio e em especial a televisão – também ensina modos de ser menino e de ser menina, fazendo circular conceitos não só de gênero, mas também de raça, etnia e sexualidade por exemplo. Sobre o último artefato – a televisão – as crianças, na maioria das vezes, possuem livre acesso a ele em suas residências, sendo convocadas por inúmeros enunciados que também vão colaborar para a construção de representações sobre identidades de gênero e contribuir na constituição de suas subjetividades. Rosa Fischer (apud FELIPE e GUIZZO, 2003, p. 121) aponta a televisão e a mídia, de modo mais específico, como “um lugar privilegiado de aprendizagens diversas; aprendemos com ela desde formas de olhar e tratar nosso próprio corpo até modos de estabelecer e de compreender diferenças de gênero”. Tais diferenças são muitas vezes, interpretadas pelas crianças e reproduzidas por elas próprias na sociedade. Com isto, as crianças vêm sendo expostas a inúmeras informações e regulamentações, que acabam ensinando a elas formas de ser menina e menino.

Cultura de pares. Tensionando, negociando, aprendendo e confrontando significados

Estudos nos mostram que as crianças interpretam significados do mundo adulto e por elas próprias reproduzem tais significados de maneira subjetiva em colaboração com seus pares. Tais estudos são decorrentes de pesquisas que objetivam observar a relação social das crianças. Dentre estas pesquisas, os trabalhos de Willian Corsaro (1985, 1992, 2011) vêm ganhando destaque no âmbito da Sociologia da Infância em especial. O pesquisador acredita que as crianças pequenas são capazes de manter uma interação contínua entre elas e que seu desenvolvimento social é influenciado por interações com seus pares (CORSARO apud MÜLLER, 2007, p. 01). Para o autor, cultura de pares é definida como “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares” (CORSARO, 2011, p. 13). Corsaro aponta para as observações que realizou nas quais pode concluir que as crianças apropriam-se das informações do mundo adulto e também do ambiente escolar ao qual pertencem, essas informações são utilizadas por elas para produzirem novas rotinas que elas mesmas criam e ampliam de maneira coletiva em suas culturas de pares (CORSARO, 2011, p. 13). Ou seja, as crianças quando inseridas com seus pares tendem a negociar, discutir e (re)formular conceitos e hipóteses que foram por elas aprendidas através do mundo adulto em que vivem. Para o pesquisador, as crianças “não apenas imitam ou reproduzem aspectos do mundo adulto, mas também os confrontam, manipulam e transformam” (CORSARO, 2011, p.15).

Com o conceito de “reprodução interpretativa”, o autor reafirma a ideia de que as crianças e suas infâncias são afetadas pelas sociedades e culturas das quais fazem parte. Neste sentido, o termo “reprodução” significa que “as crianças não apenas internalizam a cultura, mas contribuem de maneira ativa para a produção e mudança cultural” (CORSARO, 2009, p. 31). Já o termo “interpretativa”, segundo o autor:

[...] captura os aspectos inovadores da participação das crianças na sociedade, indicando o fato de que as crianças criam e participam de suas culturas de pares singulares por meio da apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus próprios interesses enquanto crianças (CORSARO, 2009, p. 31).

Com isto, ao analisar as interações das crianças que participaram da minha pesquisa, pude constatar que a todo o momento as crianças discutiam entre elas sobre aquilo que estava sendo problematizado, neste caso, sobre gênero. Portanto, embora, muitas vezes, apresentem em suas falas visões provenientes do mundo adulto, ao mesmo tempo, elas (re)elaboram-nas após confrontá-las e negociá-las com seus pares. As crianças, de certo modo, buscam informações das culturas escolares e do mundo adulto para recriá-las e expandir em suas próprias culturas, construindo, por meio disto, sua identidade enquanto sujeito em interação com outros.

Durante os diálogos propostos para esta pesquisa, foi possível observar momentos de trocas entre as crianças. Em alguns, elas emitiam suas opiniões, gerando, de certo modo, um confronto de ideias – o que, às vezes, ocasionava mudanças de um determinado ponto de vista entre elas, sendo possível perceber, por meio de suas falas, que as mesmas apropriam-se das experiências que vivenciam, seja na família e/ou na escola, para manifestar interesses e desejos enquanto sujeitos inseridos em uma sociedade.

As crianças defendiam seus pontos de vista, tensionando-os e negociando com seus pares, por vezes, acabavam por mudar de posicionamento sobre determinadas ideias.

Deste modo, podemos dizer que as crianças buscam informações vividas no mundo adulto, formas de compreender o mundo que as cerca, ao mesmo tempo que elaboram com seus pares significados próprios que irão colaborar para que as mesmas constituam-se como sujeitos produtores de sua própria cultura. E ainda, mesmo que de certo modo as crianças reproduzam as posturas e visões dos adultos, elas próprias apresentam formas subjetivas de se apropriarem dos conceitos sobre gênero.

Caminhos metodológicos. Dialogando com as crianças.

A pesquisa foi realizada com um grupo de crianças de 4 a 5 anos, em uma turma de Maternal II, denominada como Maternal II B, de uma escola de Educação Infantil da rede municipal de Canoas, região metropolitana de Porto Alegre. A turma era constituída por 20 crianças destas somente 18 crianças participaram da pesquisa.

Para instigar o diálogo com as crianças, objetivando compreender quais suas representações sobre feminino e masculino, foram pensados e organizados seis encontros. Diferentes recursos foram utilizados para cada uma das sessões, com o intuito de despertar o interesse dos sujeitos para as discussões: brinquedos diversos,

imagens de revistas, imagens de obras de arte e contação de histórias, acrescidas de atividades como recorte e colagem de imagens que foram objeto de discussão em momento anterior.

Para o primeiro encontro, foram organizadas duas caixas de brinquedos, tradicionalmente definidos como “para meninas” e “para meninos”. As caixas serviram de convite para iniciar as discussões com o grupo. No segundo encontro, busquei em revistas e na internet imagens que carregavam leituras mais abertas sobre os modos de ser homem e ser mulher, de ser menino e de ser menina, sendo selecionadas dez imagens que serviram como ponto de partida para os debates. Já para o terceiro encontro, expus ao grupo dez imagens de obras de arte, previamente selecionadas, dentre elas havia obras dos artistas Joan Miró, Pablo Picasso e Albrecht Dürer. Tais imagens foram escolhidas, porque em muito se distanciam da gama cultural que compõe o entorno social destas crianças, uma vez que as mesmas e suas famílias não frequentam museus e galerias de arte. Para o quarto encontro, que denominei “Dia do avesso”, convidei as crianças para explorarem roupas, fantasias e acessórios, como bonés, bolsas, maletas, óculos, chapéus, para meninas e meninos. Para o penúltimo encontro, que intitulei “Com que roupa eu vou?”, ofereci novamente às crianças diferentes imagens de revistas mostrando mulheres, homens e crianças vestidas de diversas formas (mulheres com calças, camisas, shorts, tops, vestidos longos, vestidos curtos, saias, blusas,...; homens com camisas sociais, terno e gravata, camisetas e shorts esportivos, de pijamas, de kilt,...; crianças com roupas mais esportivas, sociais, despojadas). Propus às crianças que escolhessem uma roupa e um calçado que gostassem para irem a uma festa. Logo, deveriam recortá-los e colar os modelos escolhidos em outro espaço.

Para finalizar, no último encontro, contei a história “Jeitos de ser”, da autora Nye Ribeiro (2000), em que se instigava os leitores a pensar da seguinte forma: se pudessem ser outra coisa e não o que eram, como gostariam de ser? A história apresentava a possibilidades de ser outra coisa, a partir de elementos da natureza, como um pássaro, uma árvore, um rio, entre outros. Por fim, o livro questiona o leitor da seguinte maneira: “Então, que tipo de gente gostaria de ser?”. Após este questionamento, apresentei às crianças imagens de diferentes pessoas - entre as imagens utilizadas, havia crianças, mulheres e homens de diferentes idades (jovens/velhos), diferentes biotipos (obesos/magros), diferentes raças (brancos/negros) - realizando a seguinte pergunta: “Se você fosse outra pessoa, qual pessoa gostaria de ser?”.

As sessões tiveram como objetivo, observar e compreender como as crianças faziam suas escolhas perante brinquedos culturalmente definidos como para meninos e para meninas, como se organizavam para brincar e o que pensavam sobre estes artefatos culturais; quais suas opiniões sobre as formas expostas na cultura, de ser homem/menino, mulher/menina; quais suas representações no que se referia às figuras feminina e masculina frente às obras de arte; quais significados eram atribuídos pelas crianças ao comportarem-se como menina e/ou menino; o que pensavam em relação às vestimentas para mulheres/meninas, homens/meninos, ou seja, o que consideravam correto ou não para cada um/a; quais características físicas valorizavam, na medida em que mostravam desejo de vir a ser de tal modo, e, ainda, quais são as suas representações de belo e feio.

O conjunto de imagens selecionadas para este trabalho foi um importante artefato que colaborou para fomentar as discussões e tensionar as opiniões em vários momentos. Um roteiro de perguntas foi também construído para cada sessão para que fosse possível iniciar os debates. Além disso, embora houvesse todo um roteiro previsto e antecipadamente pensado em termos de perguntas e proposições a serem feitas às crianças com base nos materiais e propostas de cada sessão, busquei me manter atenta às suas respostas e, sobretudo, àquilo que poderia mobilizar e dinamizar nas conversas.

As narrativas das crianças foram gravadas, para que, posteriormente, fosse possível perceber e compreender as posições das crianças frente às situações apresentadas. Para cada um dos encontros, diversos recursos foram utilizados, sendo que todos eles oportunizaram tensionar, de diferentes formas, o ponto de vista das crianças. Além das gravações, organizei um caderno de anotações, no qual fazia breves relatos dos momentos em que me detive a observar as interações das crianças.

A partir dos tensionamentos propostos às crianças durante a pesquisa, que foram brevemente percorridos, é possível observar por meio das falas nos encontros tais regulações acerca do que é ser menina e menino. As crianças apresentaram em suas falas visões adultocêntricas sobre aspectos relacionados aos marcadores de gênero, como por exemplo, os estilos das roupas e suas cores – sendo o rosa uma cor unicamente destinada às meninas; o estilo do cabelo – curto para os homens/meninos e compridos para as mulheres/meninas; os brinquedos e brincadeiras “cabíveis” para um e para outro. Assim como regulavam as ações de meninos e meninas como sendo corretas para cada um dos sexos, colaborando para a construção de fronteiras entre ambos.

Estas posturas foram explícitas durante os momentos de brincadeira livre, em que as meninas destinam-se a brincar somente com brinquedos relacionados aos afazeres domésticos, enquanto os meninos travam batalhas com “homenzinhos” ou jogam futebol, reforçando a ideia de força e agilidade que a sociedade lhes impõe. Paechter (2013, p. 14) nos aponta que “as crianças pequenas são muito conscientes do que os pais fazem em casa e estabelecem generalizações a partir disso”. Segundo o autor, “as crianças sentem que sua identidade de gênero é ameaçada por comportamentos não estereotipados” (PAECHTER, 2013, p. 15). Conforme as falas das crianças, percebemos que as formas estereotipadas são uma afirmação de formas corretas de feminilidade e masculinidade para as mesmas.

No que se refere a exploração dos brinquedos a que tiveram acesso no momento da pesquisa, há uma regulamentação pelas próprias crianças, como se proibissem a si próprias de explorar os brinquedos que culturalmente são classificados como destinados aos sujeitos do sexo oposto ao seu. Após a mediação, algumas crianças aceitaram manipular e brincar com determinados tipos de brinquedos, outras crianças ainda continuavam demonstrando recusa.

Outras questões também surgiram nas falas das crianças, sendo importante destacá-las. A primeira que menciono se refere ao consumo da beleza. Gavião (2013) analisa em sua pesquisa como a beleza é primordial para as crianças (sobretudo para as meninas). Para elas, ser bela é inscrever-se no arranjo social, sendo importante para qualquer sujeito, independentemente do sexo (GAVIÃO, 2013, p. 119). Os achados de Gavião (2013) nos ajudam a compreender o que relataram as crianças que fizeram parte desta pesquisa: através de alguns tensionamentos, elas manifestaram certo desejo de consumir a beleza do outro. Algumas expressaram em suas falas o desejo de possuir um corpo bonito. Para as meninas, as características que se referiam à beleza eram jovialidade, exuberância, nobreza, sensualidade e a raça branca, representando tais aspectos por meio de imagens de mulheres jovens, magras, ricas, brancas, com cabelos longos e lisos. Outro fator que influenciou, fortemente na escolha das meninas foram as vestimentas que apareciam nas imagens – todas estavam com roupas em que a maior parte do corpo feminino estava à mostra, como por exemplo, mini-saias, mini-shorts, vestidos curtos e muito justos, bem como decotes. Já para os meninos, tais características relacionavam-se à jovialidade, à nobreza e à força. Os modelos de beleza aspirados por meninas e meninos, correspondem a padrões que a cultura e, de modo mais contundente, a mídia, têm difundido como desejáveis nas últimas décadas.

Com isto, podemos observar que, desde pouca idade, as crianças passam a operar a partir daquilo que estão acostumadas a vivenciar, seja pela erotização exposta na mídia, ou pelas experiências próximas em que estão imersas. Esta erotização é problematizada pelas autoras Felipe e Guizzo (2003). Para elas,

As representações sobre sexualidade, corpo e gênero, veiculadas em especial pela mídia, têm subjetivado não só adultos, homens e mulheres, mas também têm trabalhado minuciosamente para a formação das identidades infantis e juvenis nos nossos dias. Os corpos vêm sendo instigados a uma crescente erotização, amplamente veiculada através da TV, do cinema, da música, em jornais, revistas, propagandas, *outdoors*, e, mais recentemente, com o uso da internet [...].

A imagem da mulher brasileira veiculada pela mídia tem sido representada por uma acentuada sexualidade; de modo especial, o erotismo e a sexualidade têm sido postos como centrais à existência dos sujeitos (FELIPE, 2000, p. 175). Assim como na mídia os corpos que não se ajustam a tais características estereotipadas não são bem vistos, as crianças demonstraram certo desagrado pelas imagens das pessoas com mais idade, obesas e negras.

Tendo discorrido sobre algumas das questões que emergiram nos diferentes momentos de diálogos com as crianças, cabe ainda atentar para as inúmeras possibilidades de se pesquisar com as crianças, pois como podemos observar através do breve resultado deste estudo aqui exposto, muitos são os assuntos e interesses que surgem no diálogo com as crianças e entre elas que merecem a atenção e o cuidado de professores enquanto pesquisadores.

Embora as crianças apresentem em suas representações as falas dos adultos, ou seja, demonstrem uma visão adultocêntrica, estas representações que constituem as subjetividades de cada criança podem ser negociadas em sua cultura de pares. Conforme Louro (apud FELIPE, 2000, p. 175, grifos da autora), “as representações não são, contudo, meras descrições que ‘refletem’ as práticas desses sujeitos; elas são, de fato, descrições que os ‘constituem, que os ‘produzem’ [...]” e deste modo, merecem ser ouvidos com destaque.

Considerações finais

A pesquisa com crianças vem ganhando visibilidade no campo educacional, mas ainda são poucos os estudos acadêmicos que permitem que os infantis assumam este lugar de indivíduos ativos nas investigações sobre temas que abordam a infância.

Do meu ponto de vista, é imprescindível que mais pesquisas sejam realizadas com as crianças, para que possam ser ouvidas e compreendidas a partir do que pensam e do que é de seu interesse, colocando-as como sujeitos da pesquisa, privilegiando suas falas, sentimentos, hipóteses e representações acerca do mundo do qual fazem parte.

É importante destacar que, embora os caminhos metodológicos percorridos nesta pesquisa direcionaram, em parte, as discussões durante os encontros, como resultado, os dados coletados acabaram por formar um leque para tantas outras possibilidades de análise. Ou seja, as discussões que inicialmente tratavam dos aspectos relacionados a gênero acabaram problematizando outros temas que mereceriam reflexão devido a sua relevância para a educação, podendo sugerir questões para novos estudos.

REFERÊNCIAS

BRITZMAN, Deborah P. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 21, p. 71-96, jan./jun. 1996.

CORSARO, William Arnold. Reprodução interpretativa e cultura de pares. *In*: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida Carvalho (Orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez Editora, 2009. p. 31-50.

_____. Faz de conta, aprendizagem e infância viva. **Pátio, educação infantil**, Porto Alegre, ano IX, n. 27, p. 12- 15, abr./jun. 2011.

_____. **Friendship and peer culture in the early years**. Norwood: Ablex, 1985.

_____. **Sociologia da infância**. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CORSARO, W. A., & MILLER, P. J. **Interpretive approaches to children's socialization**. San Francisco: Jossey Bass, 1992.

DECLERCQ, Christelle; MOREAU, Danièle. As crianças não nascem meninos ou meninas: tornam-se um ou outro. **Pátio, educação infantil**, Porto Alegre, ano XI, n. 36, p. 19- 21, jul./set. 2013.

FELIPE, Jane. Entre tias e tiazinhas: pedagogias culturais em circulação. In: SILVA, Luiz Heron (Org.) **Século XXI: qual o conhecimento? Qual currículo?** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 167-179.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. **Pro-posições**. Universidade Federal de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, SP, n. 3 (42), v. 14, p. 119-130, set./dez. 2003. Disponível em: <http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/42-dossie-felipej_etal.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2013.

FINCO, Daniela. Os perigos da naturalização das relações sociais na educação infantil. **Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, ano XI, n. 36, p. 05-07, jul./set. 2013.

GAVIÃO, Juliane Falcão. Representações de gênero e consumo na pesquisa com crianças. Canoas: ULBRA, 2013. 176 p. **Dissertação** (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2013. Disponível em: <<https://memphis.ulbranet.com.br/BIBLIO/PPGEDUM145.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade: instrumento para pesquisa com crianças pequenas. In: FARIA, A. L. G.; DERMATINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (Orgs.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002, p. 69-92.

GUIZZO, Bianca Salazar. Identidades de gênero e propaganda televisas: um estudo no contexto da Educação Infantil. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 145 p. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

KISHIMOTO, Tizuko M.; ONO, Andréia Tiemi. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. *Pro-posições*. Universidade Federal de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, SP, n. 3 (57), v. 19, p. 209-223, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000300011>. Acesso em: 20 jan. 2013.

MÜLLER, Fernanda. Scielo. Entrevista com William Corsaro: entrevista. Campinas: **Educação e sociedade**. v. 28, n. 98, jan./abr., 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302007000100014&script=sci_arttext>. Acesso em: 02 jan. 2014.

_____. *Infância nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência*. Campinas: Educação e Sociedade, 2006. v.27. n. 95. maio/ago. <Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302006000200012&Ing=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 jun. 2013.

PAECHTER, Carrier. Por que meninos e meninas escolhem brinquedos diferentes. **Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, ano XI, n. 36. p. 13-15, jul./set. 2013.

RIBEIRO, Nye. *Jeitos de ser*. 2 ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2000.